

A VOZ DO DISCURSO POÉTICO NO BRASIL: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CARTOGRAFIA DE POÉTICAS ORAIS DA REGIÃO SUL

THE VOICE OF POETIC DISCOURSE IN BRAZIL: A CONTRIBUTION TO THE CARTOGRAPHY OF ORAL POETICS IN THE SOUTH REGION

Thays Caroline Barroca Ribeiro Morettini (UEL)¹

Resumo: O artigo *A voz do discurso poético no Brasil: uma contribuição para a cartografia de poéticas orais da região Sul* reuniu e analisou projetos e dissertações desenvolvidos sobre a poesia oral, os quais estabelecem diferentes linhas de pesquisas realizadas na última década na Universidade Federal do Paraná (UFPR), localizada na região Sul. Este material serviu para a construção de uma metacrítica sobre a voz do discurso poético, buscou-se perceber quais abordagens e referenciais teóricos vêm sendo empregados na análise de poesias orais, desse modo, colaboramos para a construção de uma cartografia de poéticas orais da região Sul. Esse artigo é proveniente do projeto *Cartografia de Poéticas Oraís do Brasil*. Sua execução partiu da seguinte estrutura: a) seleção de produções acadêmicas, projetos de pesquisa, teses e dissertações no âmbito da região Sul do Brasil, tendo por especificidade a produção de pesquisas científicas da Universidade Federal do Paraná; b) Enquadramento das pesquisas selecionadas através de critérios formalizados pelo projeto *Cartografia de Poéticas Oraís do Brasil* e c) Leitura crítica realizada a partir do material selecionado, a fim de propiciar a discussão sobre a fenomenologia da voz nos discursos poéticos.

Palavras-chave: Voz; Discurso poético; Performance.

Abstract: The article *The voice of the poetic speech in Brazil: a contribution for the cartography of oral poetics of South region* has collected and analysed projects and dissertations developed about oral poetry, which may connect different lines of research founded in the latest decade at the Federal University of Paraná (UFPR), located in the South region of Brazil. This material has been used for the construction of a metacriticism about the voice of the poetic speech, we realized which approaches and theoretical references has been used in the analysis of oral poetries, and by that way we have collaborated for the construction of the cartography of oral poetics of the South region. This article is part of the project *Cartography of Oral Poetics of the Brazil*. Its execution was developed according to the following structure: a) selection of academicals researches, projects of researches, theses and dissertations of the South region of Brazil, specifically the academicals works of the Federal University of Paraná; b) framework of the researches selected and formalized according to the project *Cartography of Orals Poetics of the Brazil* and c) Critical lecture made about the material collected, in order to create a discussion about the phenomenology of the voice in the poetical speeches.

Keywords: Voice; Poetic speech; Performance.

1 Estudante de graduação da Universidade Estadual de Londrina, cursando atualmente o 4º ano do curso de Letras Vernáculas e Clássicas, orientada pelo Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes. E-mail: thaysmorettini@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Quando se trata de estudar a criação literária poética de circulação oral é possível estabelecer uma relação entre as expressões poéticas orais e seu âmbito social e histórico, relevando o processo de circulação de textos e ponderando a expressividade da voz na produção literária das sociedades humanas.

O crítico Antonio Candido (1918) considera que, a partir do estudo da manifestação literária de povos iletrados, torna-se mais evidente a análise da função social da literatura enquanto fator intrínseco ao discurso poético. Sendo assim, a realidade sociológica exprime a literariedade do discurso poético oral no âmbito de inserção dos valores sociais e humanos disseminados pela tradição de cultura oral.

Segundo Paul Zumthor (1983), em sua obra *Performance, recepção, leitura*; a voz representa um discurso imbuído de expressão ideológica que pode modificar o sentido do signo linguístico por meio de uma ação performática, a qual engloba expressões corpóreas, presença de participantes, o ato comunicacional da narrativa e, assim, dissemina-se a voz do discurso poético.

Deste modo, o parâmetro de significação do discurso poético oral vincula-se a uma *performance*, ou seja, ao momento no qual se manifesta a plenitude do discurso da voz poética. Zumthor fornece reflexões interessantes para se compreender a voz que norteia o discurso poético e sua escuta:

Ora, a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página. (...) Tais são os valores exemplares produzidos pelo uso da voz humana e sua escuta. Elas só se manifestam, de maneira fortuita e marginal, na cotidianidade dos discursos ou na expressão informativa; a poesia opera aí a extensão da própria linguagem, assim exaltada, promovida ao universal. (ZUMTHOR, 1983. p. 87)

Considera-se, então, que a voz do discurso poético na criação literária corresponde à perspectiva da visão humana de mundo suscitada pela natureza e condições de existência do grupo, o que viabiliza a compreensão estética de sua poesia a partir de meios estreitamente ligados em face do mundo e da vida, simbolizados na possibilidade da existência humana de um grupo social.

Este artigo apresenta-se como um recorte do projeto *Cartografia de Poéticas Oraís do Brasil*. Nossa proposta de Iniciação Científica teve por fundamento analisar o material acadêmico selecionado a partir de uma abordagem crítica concernente à poética da voz, apenas na dimensão da instituição de ensino superior selecionada, na região sul.

Entenda-se que as vertentes de estudo do projeto *Cartografia de Poéticas Oraís do Brasil* serão fundamentais para estabelecer critérios de análise. Sendo assim, pode-se formalizar um esquema a partir do qual se realizará a abordagem crítica do material acadêmico selecionado.

Compreender a voz do discurso poético a partir de uma análise *cartográfica* significa amplificar os estudos relativos à poesia oral por meio de uma rede comunicacional entre pesquisadores, no âmbito de produções críticas que propõem reflexões.

A partir do projeto *Cartografia de Poéticas Oraís do Brasil*, o qual propõe um diálogo crítico sobre a poética da voz entre estudiosos das distintas regiões do Brasil, há o interesse em se elucidar a voz do discurso poético. Tendo por base teórica a obra *Literatura e Sociedade* (2000) de Antonio Candido, a qual promove uma discussão sobre como o fator social é intrínseco ao discurso poético oral, pretende-se efetivar uma análise literária de cunho sociológico que corrobore a essência das poéticas orais na vida coletiva de uma sociedade.

Além desta obra, será pontuada a concepção de voz e performance no livro *Performance, recepção e leitura* (2007) de Paul Zumthor, tendo por fundamento metodológico os valores disseminados pela escuta e a influencia dos aspectos performáticos da voz, enquanto atos comunicativos na expressividade do discurso poético.

Considerando-se a leitura crítica propiciada pelas produções acadêmicas selecionadas, o presente artigo realizou uma reflexão sobre a voz que está presente nos discursos poéticos, a partir dos estudos evidenciados em projetos de pesquisas científicas, teses e dissertações listadas a seguir, as quais foram selecionadas tendo em vista a relevância, em termos de conteúdo, para se fazer um diálogo interinstitucional entre o presente projeto e as produções acadêmicas da UFPR.

A tese de doutorado intitulada: *Pele Silenciosa, Pele Sonora: A Construção da identidade Indígena Brasileira e Norte- Americana na Literatura*, de Janice Cristine Thiel, defendida em Curitiba no ano de 2006, pelo Programa de Pós- graduação em Estudos Literários.

A dissertação de Heloiza Schettert *A Rima como Estratégia Cognitiva no Letramento de Jovens e Adultos* foi defendida em Curitiba, no ano de 2007, pertence ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR.

A tese de doutorado de Denise Azevedo Duarte Guimarães, intitulada *Poesia Visual e Movimento: Da Página impressa aos Multimeios*, foi defendida em Curitiba no ano de 2004, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

A dissertação *A voz: uma concepção fenomenológica*, de Daniele de Luca Rosa Franco, do Programa de Pós-Graduação em Música, defendida em Curitiba no ano de 2008.

E, por fim, a dissertação de mestrado de Marcos Alberto Torres, intitulada *A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares: Percepção e Memória na Construção do Espaço*, defendida em Curitiba no ano de 2009, pelo Programa de Pós-graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná.

Nossa metodologia procederá a uma abordagem dos objetos de estudo de modo a separá-los em: a) fontes orais e performance; b) fontes orais midiáticas de vanguarda; c) representações da oralidade no texto literário e d) relação entre oralidade e ensino de literatura.

1. ANÁLISE

Oralidade e educação

A dissertação de mestrado de Heloiza Schettert de Camargo, defendida no ano de 2007 na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, contempla um estudo intitulado *A rima como estratégia cognitiva no letramento de jovens e adultos*.

Tendo em vista a categoria *Educação e Oralidade*, do projeto de *Cartografias de Poéticas Oraís do Brasil*, é possível estabelecer um diálogo acadêmico que abrange os estudos realizados por nosso projeto e pela dissertação da autora em questão.

Sua dissertação aborda de forma sistemática o uso do elemento poético, a rima, como subsídio para o letramento de jovens e adultos. A base teórica utilizada por Schettert é extensa e passa por vários autores que tratam da teoria da educação, tais como: *Des orthographes et leur acquisition*, de Phillip Seymour (2001) e *Estética da Criação verbal*, de M. Bakhtin (1981).

Com a leitura de Philip Seymour, a autora enfoca o desenvolvimento das estruturas ortográficas e morfológicas no processo de apropriação da leitura e da escrita, assim como aborda a consciência linguística e as bases alfabéticas do seu modelo.

Sua dissertação trata de alguns conceitos de Bakhtin em seus estudos sobre linguagem, mais especificamente com o caráter interacional, social e dialógico da fala/escrita e suas discussões acerca da palavra, do sentido e do significado na apropriação da língua.

O trabalho com rimas e aliterações, na exploração de seus aspectos silábicos – vocálicos, consonantais, sonoros e gráficos –, mediado pelo professor, favorece a compreensão das relações gráfico-fonêmicas da escrita ortográfica. Tendo em vista a realização destes trabalhos com a rima e a oralidade, segundo Havelock, em sua obra *Prefácio a Platão*, afirmava que “... a *Ilíada* e a *Odisseia* eram exemplos de uma composição estritamente oral, que empregava uma linguagem formular e altamente tradicional” (HAVELOCK, 1996, p. 89).

Dessa forma, Schettert considera que o sujeito amplia sua capacidade linguística e as interações que mantém a partir de uma base alfabética da apropriação do sistema escrito. A autora concluiu que as rimas e as aliterações repetidas num contexto de sentido possibilitam a identificação de uma estrutura ortográfica e morfológica das palavras, na formação de abstrações linguísticas. Isto pode ser observado no trecho abaixo:

Reforça-se o fato de que os símbolos linguísticos são arenas semânticas construídas dialeticamente, mediadas pelo professor, num fazer e desfazer constante. Assim, estávamos provocando outros, talvez novos efeitos sonoros, alfabéticos e linguísticos. Criamos estar auxiliando no desenvolvimento da estrutura ortográfica e morfológica. Percebíamos que os efeitos do trabalho com rimas e aliterações traziam resultados positivos nesse desenvolvimento... (SCHETTERT, 2007, p.51)

Todo este levantamento da pesquisa realizada por Schettert relaciona-se com a forma como o projeto *Cartografias* pensa a inserção da oralidade no processo de ensino-aprendizagem. A autora expõe em sua dissertação uma preocupação com a produção escrita, mas não deixa de fora as questões inerentes à oralidade. A autora cita como referencial em oralidade Marcuschi e o texto *Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos* (2001).

Marcuschi (1983) acredita serem diferentes as condições de produção e de uso em que se dão o discurso oral e escrito. O autor apresenta as diferenças existentes entre os dois tipos de linguagem, ao relacionar uma série de especificidades de cada uma.

Seu estudo contempla a marca da oralidade a partir de rimas que se projetam enquanto expressões poéticas inseridas dentro do sistema de ensino. A proposta de ensino se realiza de uma forma peculiar ao usufruir do texto poético oral. Sobre isto a autora afirma:

Já na linguagem oral, e no âmbito de uma contextualização histórica, é possível afirmar que os linguistas do século XXI continuam priorizando a língua falada em detrimento da escrita, com argumentos objetivos: a língua oral precede à escrita; a criança desenvolve a fala e só depois aprende a escrever; sujeitos, de modo geral, mesmo os mais cultos, falam mais do que lêem e escrevem, talvez resquício de todo um processo histórico. (SCHETTERT, 2007, p.70)

Segundo a perspectiva de nosso projeto, a expressão oral no processo de ensino-aprendizagem é amplamente discutido para a colaboração de um melhor e mais expressivo processo de comunicação entre os seres humanos. A oralidade, portanto, apreendida a partir de um texto poético específico, potencializa a competência comunicativa do aluno e faz com que este desenvolva sua linguagem de forma a contribuir para seu processo comunicativo.

Em síntese, o diálogo acadêmico efetuado entre a dissertação *A rima como estratégia cognitiva do letramento* e as ideias veiculadas pelo projeto *Cartografias de Poéticas Oraís do Brasil* permite-nos vislumbrar uma visão a respeito da linguagem oral/escrita de textos poéticos e sua capacidade de potencializar o desenvolvimento do letramento no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

A concepção da voz

Esta vertente de estudo fundamenta-se em uma das subdivisões mais estudadas no ramo da oralidade. A dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Música, intitula-se *A voz: uma concepção fenomenológica*, de Daniele de Luca Rosa Franco foi defendida na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, no ano de 2008. Seu estudo, bastante singelo, focaliza a Voz como um fenômeno artístico e expressivo e, para isso, a autora recorre a outros estudos como, por exemplo, a linha discursiva e a fenomenologia de Merleau-Ponty.

Sua dissertação intitulada *A Voz: uma concepção Fenomenológica* apresenta uma perspectiva do estudo da oralidade bastante peculiar, pois a autora concebe que “a voz é um instrumento de comunicação e, com ela o ser humano é capaz de estabelecer relações, posicionar-se frente a conteúdos e valores e mostrar-se ao mundo.”

Dessa forma, seu trabalho compreende que a voz é algo muito profundo, pois é capaz de falar do ser humano de forma plena. Segundo a *Teoria da Expressão*, de Merleau-Ponty, aborda os pressupostos de uma fala expressiva que leva em consideração o corpo como veículo de aprendizagem e de expressão.

Em sua pesquisa, a autora buscou focar trabalhos de outros autores que trabalham a voz em seus diversos aspectos, desde o entendimento puramente anátomo-fisiológico até o empreendimento de um treinamento vocal que deve ser compreendido a partir de um sujeito, com suas dimensões pessoais e também inserido em seu contexto cultural.

Segundo Merleau-Ponty (1999), a voz se encontra em um plano intrinsecamente ligado ao fenômeno vital do ser humano, trata-se da concepção existencialista-fenomenológica, cria-se uma linha tênue entre a expressão vocal e a percepção das expressões humanas, assim, estabelece-se um significado para experiências entre a razão e a relação da existência do ser humano, que ao atuar no mundo pela expressão verbal, demonstra sua existência. Nesta perspectiva, a autora parafraseia Merleau-Ponty afirmando que “(...) A voz está tão intrinsecamente ligada ao fenômeno vital que é possível, a partir dela, estabelecer sinais que delineiam a qualificação que se quer dar ao instante vivido”. (ROSA, 2008, p. 2)

Verifica-se, portanto, que a dissertação de mestrado de Daniele de Luca Rosa Franco desenvolve-se no plano da expressividade, pensando a voz no processo vital do ser humano e sua relevância para outras áreas de estudo, como se pode notar no fragmento abaixo:

A voz, instrumento de expressão do ser humano, deve ser entendida como um produto complexo, resultado de interações biológicas, intelectuais, emocionais, sociais e espirituais. É o instrumento de trabalho e de comunicação mais difundido (LE HUCHE e ALLALI, 2005).

Portanto, a importância de sua produção acadêmica para o presente artigo torna-se relevante na medida em que a oralidade é compreendida enquanto elemento de expressividade, o qual norteia, por sua vez, a identidade de um sujeito, dessa forma, a voz resulta de uma utilização cultural, biológica, intelectual e humana do indivíduo.

A paisagem sonora

A partir de nosso trabalho de pesquisa e análise de produções acadêmicas, nos deparemos com uma produção de mestrado muito interessante para os estudos da poesia oral. Trata-se da dissertação de mestrado de Marcos Alberto Torres, a qual se intitula *A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares: Percepção e Memória na Construção do Espaço*, defendida em Curitiba no ano de 2009, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná.

Esta produção acadêmica destaca a “paisagem sonora” da ilha dos Valadares, em Paranaguá, local onde ocorre o Fandango, manifestação da cultura caiçara de mestres e tocadores do Estado do Paraná. Seu trabalho tem por objetivo central analisar as percepções e memórias de cinco fandangueiros moradores da Ilha dos Valadares, quais são os elementos componentes do universo simbólico acerca do lugar onde vivem.

Para efetuar seu objetivo, Marcos Alberto Torres afirma que em todo o local existe uma “identidade sonora”, e assim a define:

Os lugares estão repletos de sons. Certos sons apresentam-se cotidianamente, outros em determinadas épocas do ano. Alguns aparecem apenas à luz do dia, outros quando a noite chega. Os sons das pessoas indo ao trabalho, caminhando ou em seus automóveis, conversando ou em silêncio. Os sons das músicas tocadas ao vivo nos bares, as pessoas se divertindo, os sons noturnos das ruas de um bairro residencial. Os sons da cidade nas vésperas do Natal, no período de carnaval, na páscoa. Todos esses são alguns exemplos da presença dos sons em diferentes períodos de tempo. Pode-se dizer, diante do exposto, que os sons marcam diferentes tempos, assim como marcam também os lugares. (TORRES, 2009, p. 12)

Para o autor, a *paisagem sonora* pensada no contexto cultural deve levar em conta a diversidade de sons presentes num lugar, e a relação destes com a cultura e com o lugar. É na paisagem sonora que estão, além dos sons artificiais produzidos pelas máquinas e motores, as línguas, os sotaques, as gírias, e as músicas. Estes elementos são produtos e produtores do que se denomina de *paisagem sonora*:

A paisagem sonora fornece ao indivíduo o primeiro contato com os sons. A partir daí e de suas experiências musicais, o músico passará a expressar-se através da organização dos sons para produzir música. É por meio de ensinamentos de mestres e professores de música que o

indivíduo recebe as primeiras noções de construção rítmica, de melodia e harmonia. Desse modo, a música apresenta-se como um produto cultural, influenciada pela variedade de sons existentes em determinado(s) lugar (es), e compondo parte da paisagem sonora do lugar. (TORRES, 2009, p. 23)

Para compreender as relações estabelecidas entre paisagem, paisagem sonora e cultura, Torres utiliza como base teórica de sua pesquisa o teórico Ernst Cassirer e cita sua obra *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*, cujo pensamento centra-se na ideia de que o homem está imerso em um universo simbólico composto pela linguagem. Cassirer conclui que “O homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo” (CASSIRER, apud. TORRES, 2009, p.35)

Seu trabalho acadêmico é, portanto, fundamental para os estudos da oralidade aqui contemplados, pois cria uma poética em que paisagem e oralidade estão imersas em um mesmo universo, unidas por um elemento em comum: a linguagem.

Na paisagem sonora são encontrados, entre outros, a fala do povo aplicada na comunicação, ou até mesmo empregada na música. Os sons da fala humana promovem o primeiro contato com o povo de uma localidade, e é essencial não apenas para que uma criança, por exemplo, aprenda a desenvolver-se nesse meio, mas também para que haja o compartilhamento das percepções e das memórias de todos os seus moradores, e a consequente construção da identidade do indivíduo com o lugar.

A poesia sonora

A tese de doutorado de Denise Azevedo Duarte Guimarães, intitulada *Poesia Visual e Movimento: Da Página impressa aos Multimeios*, foi defendida em Curitiba no ano de 2004, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Sua produção acadêmica é de grande interesse para uma discussão em torno da incorporação do movimento, cores e sons aos textos, permitida pelo uso de tecnologias digitais capazes de produzir ambientes instáveis onde os signos flutuam em interações diversas, investigando-se os novos paradigmas poéticos no diálogo estético mediado pela tecnologia. Em relação á oralidade, a autora considera que:

(...) A leitura continuou ainda por muito tempo a ser uma experiência oral, desempenhada em público (...). Na poesia de tradição oral, a estrutura sonora dos versos era reconhecida apenas durante ou depois da leitura, mas a materialização tipográfica vem possibilitar a

percepção da estrutura espacial, antes mesmo da leitura dos signos verbais no continuum da cadeia falada. (GUIMARÃES, 2004, p. 27)

Segundo a perspectiva de Guimarães, a existência de uma poesia sonora ou “poesia do ouvido” é entendida na dimensão de sua musicalidade, e cita o teórico Etienne Souriau, para quem “Pintura, escultura, arquitetura, destinam-se, de início e essencialmente, a nossos olhos; música e poesia a nossa audição.” (SOURIAU, apud. GUIMARÃES, 2004, p.62). A autora, em sua tese, defende que a dimensão sonora do texto poético sempre aproximou a poesia da música:

A exploração da dimensão sonora, em termos de melodia e harmonia, sempre deixou a poesia mais próxima da música do que das artes da palavra escrita – desde a Antiguidade Clássica, tinha-se uma poesia para ser lida em voz alta. Na tradição ocidental, as transformações decorrentes dos diferentes estilos de época na poesia, não interferem radicalmente nas relações entre os sons e os sentidos. Quem estuda a linguagem poética sob a perspectiva do estrato fônico, ou seja, das sonoridades expressivas, pode perceber que, na sequência/alternância da periodização literária, as chaves metafóricas dos poemas são de caráter mental, enquanto as suas harmonias destinam-se a ser preenchidas sensorialmente. (GUIMARÃES, 2004, p. 62)

Portanto, ao pensar esta “poética do ouvido”, verifica-se que a oralidade, em sua produção acadêmica é compreendida em uma perspectiva artística, pois o “som” deixa de ser mero referencial biológico intrínseco aos seres, mas adquire uma significação artística, na medida em que música e poesia se fundem como um todo composto de dois elementos: som e significado.

As narrativas orais e os estudos antropológicos – *Pele silenciosa, Pele sonora*

A tese de doutorado intitulada: *Pele Silenciosa, Pele Sonora: A Construção da identidade Indígena Brasileira e Norte- Americana na Literatura*, de Janice Cristine Thiel, defendida em Curitiba no ano de 2006, pelo Programa de Pós- Graduação em Estudos Literários, investigou a construção da identidade do índio pela perspectiva ocidental (de tradição europeia) e pela perspectiva indígena, na literatura brasileira e norte-americana.

A oralidade em sua produção acadêmica está presente essencialmente no discurso do indígena, como forma de ressignificação da identidade indígena, e como a escritura, assim como o falar indígena assume, no século XX, um papel essencial de resistência política e

literária e de afirmação e valorização das nações indígenas das Américas. A autora questiona o fato de que, na história do Brasil, a voz do índio foi ignorada, e cita Eni Orlandi ao comentar sobre a ausência do índio na história brasileira. Segundo a autora:

Embora o colonizador tenha silenciado ou ignorado a voz indígena, a arte narrativa indígena encontra sua expressão primeiro como oratura, desde antes do assim chamado descobrimento, e como literatura, desde o século XVIII, sem, contudo ser reconhecida senão no século XX. Outras vozes, utilizadas para veicular ideologias de outras terras e culturas e promover projetos de colonização, ocupação e dominação do Novo Mundo, construíram uma visão do índio e intermediaram seu discurso e sua cultura, seja através da tradução de textos supostamente indígenas, ou através da elaboração de narrativas voltadas para a sedimentação de ideias pré-concebidas e para a imposição de projetos coloniais. (THÍEL, 2006, p. 1-2)

Contudo, Thiel afirma que, apesar da voz do indígena não significar presença para o colonizador em séculos anteriores, o índio resiste e expressa-se através de uma produção literária enriquecedora no último século, o que faz com que vejamos como essencial um estudo de obras literárias que vêm acompanhar uma tradição discursiva milenar, no momento em que esta tradição encontra reconhecimento pela academia e pela crítica, buscando possivelmente uma identidade própria.

A autora justifica que as expressões *pele silenciosa* e *pele sonora* referem-se ao jogo dialético da construção das identidades dos índios brasileiro e norte-americano na literatura. A expressão *pele silenciosa* se refere a “índios de verdade”, para a construção da identidade indígena pela literatura canônica ocidental; remete à produção do que a perspectiva ocidental imagina como “índio verdadeiro”.

A *pele sonora* sugere que o índio, apesar de ser muitas vezes construído pelo eixo representativo do ocidente, possui voz própria e a expressa em textos de resistência e por meio de textualidades variadas. A respeito da construção das narrativas indígenas, Thiel considera que:

A imaginação torna-se primordial tanto para narradores de tradições que privilegiem o texto escrito quanto o texto oral, a fim de documentar e ficcionalizar percepções de si e dos outros. Contudo, o imaginário vem a ser representado de forma peculiar em cada uma destas tradições: o narrador formado em uma tradição ocidental privilegia o espaço de uma página impressa que captura a voz; por sua vez, o narrador formado em uma tradição ancestral privilegia o espaço

preenchido pela própria voz. De qualquer forma, ambas as tradições encontram maneiras para que o homem manifeste o seu fazer de si e do outro e revele-se construtor da identidade própria e alheia a partir de observações e de imaginários que se transformam em narrativas. (THÍEL, 2006, p. 49)

A importância de sua tese para o nosso projeto está nas histórias que contam do índio e como constroem sua identidade na literatura, considerando a sua relação com o narrador das histórias. As construções de identidade e alteridade que passam pelo espaço discursivo e, conseqüentemente, pela oratura e pela literatura, também se fazem fundamentais para nossa análise, pois revelam como, a um só tempo, o homem constrói sua identidade por intermédio da linguagem, sendo aquilo que o define enquanto ser cultural e histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da produção deste artigo, conclui-se a importância de compreender a oralidade não apenas enquanto elemento intrínseco à vida humana, mas enquanto elemento responsável pela formação de uma poética da voz arquitetada pelo saber de diferentes áreas do conhecimento humano. Com isso, houve a apreensão de elementos que são identificados para além da voz do indivíduo, mas vislumbrando a voz em uma concepção cultural, ao ser analisada sob o prisma das narrativas orais.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 421 p.
- CANDIDO, Antonio. **Estímulos da Criação Literária**. In: Literatura e Sociedade. 8 ed. T. A. Queiroz, Publifolha: São Paulo, 2000.
- FERNANDES, Frederico. **Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil**. Londrina: Eduel, 2003.
- FRANCO, Rosa Daniele. **A voz: uma concepção fenomenológica**. 104 p. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2008.

GUIMARÃES, Duarte Azevedo Denise. **Poesia Visual e Movimento: Da Página impressa aos Multimeios**. 360 p. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2004.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Tradução Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

MARCUSCHI, L. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. In: SIGNORINI, I. (Org). Investigando a relação oral e escrita e a teoria do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes; 1999.

SCHETTERT, Heloiza. **Rima como Estratégia Cognitiva no Letramento de Jovens e Adultos**. 174 p. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2007.

SEYMOUR, P. H. K. **Les fondations du développement orthographique et morph L**. Rieben, M.Fayol, & C. A. Perfetti (Eds.). Des orthographes et leur acquisition. La Delachaux & Niestle. 1997

THÍEL, Cristine Janice. **Pele Silenciosa, Pele Sonora: A Construção da identidade Indígena Brasileira e Norte- Americana na Literatura**. 300 p. Tese do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2006.

TORRES, Marcos Alberto. **A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares: Percepção e Memória na Construção do Espaço**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2 ed. Cosac Naify: São Paulo, 2007.

[Recebido: 05.nov.11 - Aceito: 19.mar.12]